

PARTE 1

**DOSSIÊ –  
OLHAR, SENTIR, ENTENDER: O “OUTRO”  
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

# CAPÍTULO 1

## ESCUA COMO ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

Luiza F. G. Martins; Marília Velardi

### RESUMO

Este texto tem o ensejo de dialogar sobre o lugar da *escuta* como estratégia de construção de conhecimento. Diante do processo hegemônico histórico de construção de conhecimento na academia a partir de uma voz única (branca, masculina, ocidental...), apostamos nos múltiplos modos de pesquisar, investigar e conhecer que exige, muitas vezes, a escuta atenta àquilo que já foi e é produzido por aí, em outros lugares, de outras formas, por outras pessoas... A aposta, portanto, perpassa táticas mais poéticas, inventivas e íntimas do cotidiano.<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Trocar é movimento dialético de escuta e fala. De leitura e escrita. De ser tocado-tocante e de tocar-tocado em uma aula de Filosofia da Ciência no ano de 2022, que se

---

1 Texto resultante de reflexões e de trabalho final associado à disciplina Filosofia da Ciência – ProMuS-PP – EACH – USP, 1º semestre de 2022.

parece muito com um experimento pedagógico e social de tecer epistemologias a partir de outros lugares, fora de uma normatividade hegemônica. Nessa aula, no dia da apresentação do grupo “Sujeito de Pesquisa”, o qual integrei, falamos sobre Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro, sobre escrevivência, lugar de fala e lugar de escuta. É bonito pensar como o processo foi recheado por poemas. Não sei se “recheado” é a melhor palavra, mas foi como se os poemas pegassem em nossas mãos e nos guiassem pela conversa. Conversa? Não sei. Aula? Pode ser... Pode ser troca. Trocar é movimento dialético de escuta e fala. De leitura e escrita. De ser tocado-tocante e de tocar-tocado.

*A voz de minha bisavó*

*ecoou criança*

*nos porões do navio.*

*Ecoou lamentos*

*de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó*

*ecoou obediência*

*aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe*

*ecoou baixinho revolta*

*no fundo das cozinhas alheias*

*debaixo das trouxas*

*roupagens sujas dos brancos*

*pelo caminho empoeirado*

*rumo à favela*

*A minha voz ainda*

*ecoa versos perplexos*

*com rimas de sangue*

e  
fome.  
A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.  
(EVARISTO, 2017)

Chorar ouvindo, vendo, testemunhando. *Ser chorada*. Os poemas que nos guiaram eram poemas e depois eram falas-poemas, histórias de escrita, de vida, de moradia. O que filosofia da ciência tem a ver com o meu processo de alfabetização? O que “filosofia da ciência” tem a ver com o choro de um colega homem, LGBTQIA+ indígena nos contando a sua história? O que “filosofia da ciência” tem a ver com o choro de uma colega mulher, negra falando sobre suas dificuldades na convivência escolar? O que “filosofia da ciência” tem a ver com o meu choro aqui e agora?

*Eu não sou uma mulher leve*  
*Minhas asas pesam liberdade*  
*Meus pés pesam diversos caminhos*  
*Não sou uma mulher leve*  
*A vida me pesa o suficiente pra viver dilemas, todos pesados*

*A vida nunca foi uma pluma  
Sempre me pesou  
Não sou uma mulher, amena  
Serena  
Pequena diante da grandeza dos problemas  
Sou uma mulher pesada  
Carrego minhas marcas, minha linhagem, bagagem, conflitos, problemas  
E eles pesam sobre meus ombros  
eles cortam minhas asas  
E o peso também me sustenta  
Seria metade, nunca completa  
Sem elevar meus sonhos pesados sobre o mundo  
Eu sou uma mulher pesada*

*E não me enfeito de mansa tendo garras de leoa  
Minha leveza existente tem peso  
Minha lágrima tem peso  
Meu suor  
Meu gozo  
Meu suspiro  
Meu delinear nos caminhos  
pesa  
eu me equilíbrio no peso de um salto  
E sambo no enredo da vida.*

(ALMEIDA, 2019)

Não precisa, talvez nem deva ser leve o processo de aprendizagem. Construir conhecimento envolve fazer deslocamentos de pontos de vista, de referências, de escuta, de escrita, de vozes. O deslocamento incomoda, gerar músculo para deslocar-se dói. É pesado construir algo sob os escombros do mundo em que vivemos.

Ao longo das aulas algumas perguntas convocaram novos olhares ao meu processo de pesquisa, à minha atuação profissional e à vida desnuda e crua: o que é ciência? O que é arte? O que é saúde? O que é gênero? Sendo a minha pesquisa sobre práticas artísticas endereçadas ao cuidado em saúde mental, pelo método da Investigação Baseada nas Artes (IBA) e, em especial, da Investigação Poética (IP), os novos olhares convocados pela criticidade dos textos e debates na disciplina foram essenciais. Para este texto destacarei algumas leituras, mas focarei naquelas que fiz dentro do eixo temático da apresentação do meu grupo (“sujeito de pesquisa”) para pensar a questão do silêncio e da *escuta* nos processos de construção de conhecimento e seus efeitos subjetivos.

## O MITO DA MODERNIDADE (E O QUE PULULA DISSO)

Vivemos tempos de questionamentos radicais aos nossos modos de vida e à forma como aprendemos a estruturar a sociedade e o conhecimento. Se, por um lado, questionamos a ciência e a forma e os lugares onde ela tem sido produzida e validada a partir de uma perspectiva decolonial. A crítica vai desencadeando outra série de questionamentos, como a dos *papéis de gênero*, homem e mulher dentro dos ideais burgueses, e abre a discussão para pessoas que não se reconhecem nessa *binaridade* como as pessoas de gênero não binário (gênero fluido ou agênero, por exemplo). A questão se ramifica, questionamos o *patriarcado*, e chegamos até mesmo, no tema do amor romântico, a *monogamia*. Enfim, todos esses modos de vida, antes tão certos e agora tão polêmicos quando remexidos, fazem parte do tal *mito da modernidade*, calcado no fato de que se diz representar ideais e avanços (da ciência, da saúde, do comportamento...), que só foram possíveis e tiveram um grau de “sucesso” pela exploração de terras e corpos tomados como sua propriedade e analisados diante de seus próprios ideais ditos “civilizatórios” (DUSSEL, 1994). A não monogamia e seu debate atual, por exemplo, surge do questionamento do patriarcado e da exploração do corpo e do trabalho de mulheres. Assim como outros debates envolvendo as temáticas de gênero e sexualidade.

Mesmo que tenhamos passado daquilo que se denominou Colonialismo – o processo de dominação, ocupação e exploração de territórios e culturas por países europeus –, a dominação colonial ainda persiste (QUIJANO, 1992). Aníbal Quijano (1992) nos aponta como as construções intersubjetivas vigentes no período colonial se mantêm e atualizam nos tempos atuais, o que podemos notar pela desigualdade de recursos nos diferentes continentes, assim como por processos xenofóbicos e racistas testemunhados diariamente. A moral e os ideais da classe dominante aqui no Brasil, por exemplo, corresponde aos ideais e à moral desse processo dito “civilizatório”, o que consequentemente exclui, destrói e ameaça culturas tradicionais e originárias.

No caso da produção de conhecimento, o *mito da modernidade* sustenta a ideia de um único discurso científico possível, excluindo outras formas de conhecimento.

*Eso fue producto, al comienzo, de una sistemática represión no sólo de específicas creencias, ideas, imágenes, símbolos o conocimientos que no sirvieran para la dominación colonial global. La represión recayó, ante todo, sobre los modos de conocer, de producir conocimiento, de producir perspectivas, imágenes y sistemas de imágenes, símbolos, modos de significación; sobre los recursos, patrones e instrumentos de expresión formalizada y objetivada, intelectual o visual. Fue seguida por la imposición del uso de los propios patrones de expresión de los dominantes, sí, como de sus creencias e imágenes referidas a sobrenatural, las cuales sirvieron no solamente para impedir la producción cultural de los dominados, sino también como medios muy eficaces de control social y cultural, cuando la represión inmediata deja de ser constante y sistemática. (QUIJANO, 1992).*

A saúde está evidente como um dos discursos científicos que serviu como justificativa para exploração e dominação. Desde as práticas higienistas, fortes no início do século XX até a construção de discursos sobre saúde mental, responsáveis pela exclusão e maus tratos de diversas pessoas ao longo de todo o século XX e até os dias de hoje. Ainda com Dussel (1994), o *mito da modernidade*, ao se propor como uma verdade acerca de como as sociedades deveriam ser em prol de um progresso, atingiu a forma como entendemos as subjetividades. O ego do homem moderno, europeu branco homem hétero cis, passou a ser a referência de pessoa, de modo que quem não se encaixava nestes termos, era visto como o Outro. Um Outro estereotipado e apagado em sua singularidade, visto apenas como o diferente a ser civilizado, adestrado e/ou controlado. Esse é o caso das mulheres, das pessoas racializadas, LGBTQIA+, assim como de outros grupos excluídos, como os “loucos” (pessoas em sofrimento psíquico internadas em instituições psiquiátricas).

A modernidade e seus ideais de racionalidade e progresso, assim como o avanço do capitalismo, trouxeram consigo uma aversão ainda maior àqueles que se comportam de um jeito diferente e não são produtivos aos olhos liberais, como os loucos (LIMA; PELBART, 2007) e outras pessoas internadas por não corresponderem ao padrão esperado (por processos de racismo, homofobia, transfobia, classicismo etc.). Ao longo do século XX ficaram marcadas denúncias e imagens de abandono e maus tratos às pessoas internadas nos chamados “manicômios”. Mesmo nesses espaços de perpetuação de violência, pululam figuras como a médica Nise da Silveira e, o considerado hoje artista, Bispo do Rosário, que trazem novos olhares e irrompem novas práticas no lugar que habitam. Os dois em hospitais/clínicas psiquiátricas, Nise propondo cuidados para as pessoas em sofrimentos psíquicos mediados pelas artes (em oposição às práticas medicamentosas, choques elétricos e lobotomias comuns na

época) no Hospital do Engenho de Dentro. Bispo, por outro lado, como um dos internos da Colônia Juliana Moreira, começa a produzir esculturas, miniaturas e bordados em tecidos, que ficavam expostos dentro das casas fortes.

Escrevo este texto logo após a exposição do Bispo do Rosário que está acontecendo no espaço Itaú Cultural na Av. Paulista, São Paulo-SP (maio a outubro de 2022). A exposição nos conta sua história de criação e de como sua obra incutiu e ainda incute debates e produções artísticas. Em diálogo com o tema da filosofia da ciência, de uma perspectiva decolonial, a exposição fez pensar que assim como na ciência é importante questionar as raízes de quem produziu conhecimento na academia nos últimos anos – e o poder disso –, e no mundo da arte estes questionamentos também se fazem essenciais. Novos olhares para a produção de conhecimento geram novas perguntas e nos levam para diferentes caminhos. E, ainda: como o discurso científico hegemônico foi o responsável por enclausurar pessoas como Bispo do Rosário a partir de um discurso médico e excludente?

No decorrer das aulas de Filosofia de Ciência foi possível dar uma arejada ao testemunhar que existem várias pesquisadoras e vários pesquisadores buscando outros caminhos. Não no sentido de excluir tudo aquilo que já foi produzido na academia, mas de dar abertura para a pluralidade de vozes e modos de pesquisar e investigar dentro das universidades e instituições de pesquisa. A luta não é por outro discurso único, mas pela possibilidade de acolher a multiplicidade de modos de pesquisar. Para isso é necessário mais do que qualquer outra coisa, um estado de disponibilidade para o outro, para o novo. Nesse sentido, voltando à apresentação do meu grupo para a disciplina de Filosofia da Ciência no tema “Sujeito de Pesquisa”, trago duas autoras que muito admiro: Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro, que me evocaram outra grande pensadora, a Audre Lorde.

*Para aquelas de nós que vivem na beirada  
encarando os gumes constantes da decisão  
crucial e solitária  
para aquelas de nós que não podem se dar ao luxo  
dos sonhos passageiros da escolha  
que amam na soleira vindo e indo  
nas horas entre as alvoradas  
olhando no íntimo e pra fora  
simultaneamente antes e depois  
buscando um agora que possa procriar  
futuros*



*como pão na boca de nossas crianças  
pra que os sonhos delas não reflitam  
a morte dos nossos;*

*Para aquelas de nós  
que foram marcadas pelo medo  
como uma linha tênue no meio de nossas testas  
aprendendo a ter medo com o leite de nossas mães  
pois por essa arma  
essa ilusão de alguma segurança vindoura  
os marchantes esperavam nos calar  
Pra todas nós  
este instante e esta glória  
Não esperavam que sobrevivêssemos*

*E quando o sol nasce nós temos medo  
ele pode não durar  
quando o sol se põe nós temos medo  
ele pode não nascer pela manhã  
quando estamos de barriga cheia nós temos medo  
de indigestão  
quando nossos estômagos estão vazios nós temos medo  
nós podemos nunca mais comer novamente  
quando somos amadas nós temos medo  
o amor vai acabar  
quando estamos sozinhas nós temos medo  
o amor nunca vai voltar*

*e quando falamos nós temos medo  
nossas palavras não serão ouvidas  
nem bem-vindas  
mas quando estamos em silêncio  
nós ainda temos medo*

*Então é melhor falar  
tendo em mente que  
não esperavam que sobrevivêssemos  
(LORDE, sem ano)*

## COMO TRAZER A ESCUTA PARA A ACADEMIA?

Quando pleiteamos a multiplicidade de conhecimento contra o mito hegemônico da modernidade, estamos falando da coragem de quem foi historicamente calado de falar e irromper as barreiras do silenciamento; assim como estamos falando que aqueles que foram historicamente privilegiados neste sistema, precisam, necessariamente, escutar e escutar melhor.

Outro dia ouvi um escritor comentar um pouco frustrado que o Brasil não é um país que curte muito literatura, em especial a poesia. Algo como “o Brasil não é um país para poetas” ressoou em mim. As tantas outras mulheres, que tenho ouvido e lido mais frequentemente nos últimos tempos, falam de outro lugar: sendo elas negras brancas norte-americanas lésbicas latinas no exterior brasileiras brancas no Brasil periféricas negras paulistas transsexuais recifenses cariocas bissexuais pesquisadoras. Muitas mulheres, parafraseando a poeta brasileira Maria Rezende, *mulheres-multi-dão*. Desses tantos lugares, pontos de vista, essas mulheres falam sobre como a escrita não nos é dada, assim como o lugar da palavra, de modo geral, costuma ser historicamente silenciado. Como mulheres, somos colocadas em lugares outros, que variam de acordo com o nosso território, cultura e racialização, mas que dialogam com a ideia de silenciamento – relação que vai mudando de acordo com estes recortes e experiências de vida.

Retomando a fala do escritor sobre não gostarem de poesia aqui no Brasil, isso me fez pensar sobre os processos históricos, sociais e econômicos do nosso país que fizeram com que, de fato, não fôssemos um país que lê muito – muito menos poesia. No entanto, não acredito que sejamos um país que não goste de poesia. Assim como não acredito que somos mulheres silenciadas, apenas. Somos mulheres que falam, que gritam, que bradam há muitos e muitos anos.

O silêncio é um tema que me interessa muito. Na minha vida pessoal, cultivei o silêncio na palavra falada, criando cada vez mais gosto pela escrita, e fui escrevendo sempre e muito, como que escoando aquelas palavras não ditas em voz alta. O silêncio me captura como um problema em várias vias da vida, normalmente naquelas em que me sinto sendo avaliada ou comparada. No mundo capitalista e machista que vivemos, não é incomum sentir-se avaliada, competindo e tendo suas palavras invalidadas ou simplesmente ignoradas. Na minha experiência pessoal como mulher, brasileira, branca, vinda de uma família classe média que passou por um processo de ascensão social durante a minha adolescência, o silêncio se tornou um lugar de conforto, frustração e invisibilidade. Ao mesmo tempo, o silêncio me ensinou muitas coisas: desde as palavras que o habitam até a importância da escuta em muitos contextos (inclusive, no meu trabalho como psicóloga).

Entre a fala, o silêncio, a escrita e a folha em branco de diversas mulheres mundo afora, penso como o silêncio foi e vai sendo trabalhado e como a fala e a escrita podem ser um instrumento de cuidado de si por meio de uma participação política e um reconhecimento de si como parte de um grupo, de coletivos, de uma rede e da possibilidade de agir e criar algo novo (dizendo, escrevendo, cantando...). Assim como a escuta e a leitura também podem ser instrumentos de luta e cuidado. Esses binômios (fala/escuta, escrita/leitura) não se anulam, somam-se. E podem ser formas de se conhecer e cuidar de si não apenas no âmbito individual, mas como uma transformação subjetiva no campo pessoal que perpassa o coletivo, e está aliada ao que compartilham certos grupos sociais.

Em seu texto “O que é lugar de fala?”, Djamilia Ribeiro explicita que os lugares sociais que ocupamos, afeta a forma como habitamos os lugares e somos ouvidos ou validados nesses. Isso não diz meramente de uma experiência individual, mas de um conjunto de experiências que são compartilhadas por um grupo social e das condições sociais que tornam isso possível. Dentro do recorte das mulheres negras, Djamilia fala como a experiência de gênero é vivida de um jeito diferente daquela vivida e compartilhada por mulheres brancas, por exemplo. Tais diferenças não são marcadas apenas pelos relatos de uma mulher branca ou uma mulher negra sobre o que vivem, mas vão sendo óbvias quando analisamos dados sobre salários, profissões, acesso à saúde/educação/lazer, violência obstétrica, entre outros; somados, sim, aos relatos de experiências compartilhadas entre esses diferentes grupos.

As experiências compartilhadas por certos grupos sociais vão sendo marcadas pela falta de acesso a espaços de construção de conhecimento, como as universidades. A universidade, historicamente ocupada por homens cis brancos e referenciada nos países do Norte, traz no seio de sua construção epistemológica o lugar social que estes sujeitos ocupam, entretanto, não explicitando tal lugar, pelo contrário, considerando o conhecimento construído como verdades universais. No texto comentado, Djamilia fala sobre a importância de romper com a “autorização discursiva” promovendo uma multiplicidade de vozes, quebrando com esse discurso “autorizado e único, que se pretende universal”. Nesse sentido, a multiplicidade de vozes foi, e ainda é, constantemente evitada e rechaçada em diferentes espaços, seja na universidade, na política

institucional e também, ora, na literatura. Entre outros recursos, foi se criando formas elaboradas de invalidar grupos que não fazem parte desses que tem “autorização discursiva” e que vão passando por processos de silenciamento.

Djamila aponta, entretanto, que os processos de silenciamento não podem ser tomados como totalmente bem-sucedidos, ela cita Conceição Evaristo em uma entrevista à Carta Capital:

*[...] aquela imagem da escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é um símbolo nosso, porque nossa fala força a máscara (RIBEIRO, 2019 citando EVARISTO, C., 2017).*

Audre Lorde fala também sobre o silenciamento e da transformação deste em ação e luta que perpassa subjetividades. Em “A transformação do silêncio em linguagem e em ação”, capítulo do livro *Irmã Outsider* (2017), Lorde reflete a partir da ideia de travar uma guerra contra as tiranias do silêncio junto de outras mulheres. A leitura desse capítulo reverberou muito em mim. Foi uma daquelas leituras em que senti a autora falando diretamente comigo. E ela me disse que o meu silêncio não vai me proteger. Disse que tenho medo mesmo é da visibilidade e da vulnerabilidade desse lugar de exposição. Isso eu já sabia, mas ninguém nunca tinha me dito assim. E fez toda a diferença. Ela me revelou num sussurro escrito que o meu medo de me machucar, e minha resposta que é o silêncio, não me protege da dor de me sentir, desde já, silenciada, invisibilizada, não levada a sério. Em diálogo direto com esse capítulo, no anterior, Audre Lorde também fala que para nós, mulheres, a poesia não é um luxo.

*Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias (LORDE, 2017, p. 37).*

Audre Lorde, uma mulher negra lésbica, “uma poeta negra guerreira fazendo o meu trabalho”, ela diz, e pergunta se nós, se eu tenho feito o meu trabalho. Lorde faz pensar que nosso silêncio (compartilhado enquanto mulheres) não nos livra da dor e também, muitas vezes, serve como alibi, como desculpa para não fazer o nosso trabalho. Com isso, penso que tenho coisas a dizer: que, talvez, precise dizer algumas coisas

que só eu poderia dizer. Dizer pelos poemas, mas não somente. Retomá-los como força de transformação e ação também. Vejo a importância de trazer esse processo para o contexto das universidades; essa voz para a escrita acadêmica.

A escrita é uma ferramenta de luta, de cuidado e descolonização. Assim como a aliança, a escuta e a leitura também o são. Fico pensando nesse lugar que ocupo, de fazer o meu trabalho de ir pensando e construindo experiências poéticas endereçadas ao cuidado de si, a partir de uma linguagem que escape das pretensas universais preconcebidas e estabelecidas pelo pensamento colonial. Todavia, além de honrar minhas leituras a partir de outras perspectivas, diante das vozes múltiplas que ecoam conhecimentos poéticos de si e do mundo, é de suma importância continuar ouvindo e entendendo que, algumas vezes, o silêncio e, sobretudo, a escuta, são ações necessárias.

No texto *Listening Out as a Technique of Political Life* (2021), Kate Lacey reflete sobre as problemáticas da “política da voz”, apresentando a possibilidade de uma “política da escuta”. A ideia não é opor uma à outra, mas propor uma política de escuta que não começa necessariamente com a voz.

*It strikes me that the politics of voice more generally can fall into this trap of requiring marginalised or dispossessed groups to find solutions when we ask how to ‘give people a voice’ or how to ‘make ourselves heard’. Again, feminists have long critiqued how women have to learn to speak in certain ways to be heard in public spaces set up to recognise and validate certain forms of speech over others (LACEY, 2021).*

Fazer uma voz ser ouvida é uma tática importante, entretanto, ela se enfraquece em um sistema em que algumas vozes são mais ouvidas e ressoam mais que outras. Uma resposta a isso seria clamar que pessoas no poder e em posições de privilégio tenham a responsabilidade de ouvir as vozes marginalizadas. No entanto, de acordo com Lacey, essa escuta costuma ter os mesmos problemas que as raízes da tal “política da voz”, já que o foco é ouvir mais de perto a vozes específicas como uma resposta às suas demandas (uma escuta responsiva); ou, em situações que as tais vozes falam a partir de perguntas formuladas e realizadas pelo “ouvintes”, o que as induz em uma direção específica dada por aquele que pergunta (como a performance de um ventríloquo). Desse modo, Lacey fala sobre a possibilidade de uma política da escuta que ande lado a lado com uma política da voz, em que a escuta ganhe destaque. Não uma escuta responsiva, mas um estado de escuta, de abertura para ouvir, antes que as vozes precisem berrar para serem ouvidas. Um estado de “antecipação” – *listening out* –, como uma disponibilidade radical para escutar:

*It would mean that instead of conceiving critical listening as a kind of decoding or translation practice – a responsive practice – it would recognise the productive power of listening, and its political responsibilities (LACEY, 2021).*

O desafio disso, ela aponta, talvez seja sua característica intersubjetiva e sua resistência à mercantilização, saindo de um aspecto individualista de posse sob determinada voz, criando um campo necessariamente coletivo e plural. Apostar em uma política da escuta seria uma ação radical frente à fetichização da voz como único marcador de participação política, já que pontua a responsabilidade dos diferentes sujeitos envolvidos nessa participação. Dialogando com o “lugar de fala” discutido por Djamila Ribeiro e tão debatido na atualidade, em especial nos espaços virtuais, é importante também pensarmos no “lugar de escuta” – quando se fala e se reivindica espaços de fala, é importante pensarmos também em quem e como se escuta.

Retomando o que havia dito, não acredito que as mulheres – apesar de historicamente silenciadas – sejam silenciosas. Mas que, muitas vezes, não sejamos ouvidas. E, outras tantas vezes, não existe uma abertura para escutar o que dizemos. Nesse sentido, parece importante tatear pela via da experiência lugares de escuta, lugares de fala e também de silêncio e silenciamento, explorando como cada um afeta a nossa possibilidade de ação no mundo. Retomando a fala do escritor que comentei anteriormente, também não acredito que o Brasil seja um país que não goste de poesia, talvez para confirmar este meu achismo, é preciso não só procurar a poesia brasileira nos livros literários (e procurar nos livros independentes, zines e slams), mas criar uma abertura para escutar a poesia que se produz aqui, também, por outras vias (nossa cultura de cordel, repente, canção!).

O mesmo pode ser pensado sobre as formas de se produzir conhecimento ao longo do tempo e culturas: há muitas, e já passou do momento da universidade abrir espaço para que ecoem e se fortaleçam neste espaço também.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Raquel. Seis poemas de Raquel Almeida. *Revista Ruído Manifesto*. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/seis-poemas-de-raquel-almeida/>.
- DUSSEL, Enrique. 1492. *El encubrimiento del otro*. Hacia el origen del mito de la modernidad. La Paz: Plural editores, 1994.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 1 ed. Male, 2017.
- HOOKS, bell. *Ensinar para transgredir*. Martins Fontes, 2020.
- LACEY, Kate. *Listening Out as a Technique of Political Life*, 2021. Disponível em: <https://bcmcr.org/research/listening-out-as-a-technique-of-political-life/>. Acesso em: julho de 2022.
- LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; PELBART, Peter Pál. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 709-735, jul.-set. 2007.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider* / Audre Lorde; tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indíg.* 13(29): 11-20, 1992.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. Cap. O que é lugar de fala? Pólen, São Paulo. 2019. Edusc/Anpocs, 2004.